

Da Palavra Encarnada

Questões de psicanálise e literatura

João A. Frayze-Pereira

Professor da Universidade de São Paulo

Adélia Bezerra de MENESES, *Do poder da Palavra: ensaios de Literatura e Psicanálise*, São Paulo, Duas Cidades, 1995.

A década de noventa tem sido pródiga em matéria de arte e psicanálise. Entre nós, foram muitos os eventos e as publicações que vieram à luz nesse período, sobretudo no ano de 1995. Entre essas destaca-se o livro de Adélia Bezerra de Menezes, *Do poder da Palavra: ensaios de Literatura e Psicanálise*. Ao longo de mais de dez anos, a autora elaborou essa coleção de ensaios, contando com fina sensibilidade e rigorosa erudição, indo muito além da atual tendência à interdisciplinaridade, pois a maneira como compreende o relacionamento entre psicanálise e literatura é bem mais complexa. Escreve:

Com efeito, as relações entre Literatura e Psicanálise se dão em mais de um nível: desde a utilização da Palavra como matéria-prima comum, até a refinada fórmula lacaniana do “inconsciente estruturado enquanto linguagem”, passando pelo substrato comum a sonhos, mitos, lendas, lapsos, epopéia, romance, poema — a emersão do inconsciente. Pois a arte é um espaço onde se permite ao inconsciente aflorar; e a Psicanálise é antes de mais nada o reconhecimento desse inconsciente. E desde Freud, cujas poderosas intuições não dispunham ainda do arsenal da Linguística estruturada enquanto ciência, até hoje em dia, as relações entre Linguagem e Inconsciente se tornam cada vez mais explícitas.

Em outras palavras, psicanálise e literatura não são meras disciplinas cuja relação pode vir a se estabelecer ou não. Ao contrário, há aproximação e complementaridade entre a “arte da palavra” e a “ciência do inconsciente” porque as relações entre Linguagem e Inconsciente são, antes, intrínsecas, não ocasionais, configurando um campo único do qual essa *arte* e aquela *ciência* são essencial e reciprocamente constitutivas.

São inúmeros os outros, autores e personagens, com os quais Adélia dialoga para tecer a trama do livro. Chico Buarque de Holanda e João Cabral, Rimbaud, Baudelaire, Poe, Mallarmé e Valéry, José de Alencar, Graciliano Ramos e Borges, Bachelard e Bataille, Homero, Platão e Aristóteles, Jean Pierre Vernant e Antonio Candido, Ernest Jones e, evidentemente, Freud estão presentes nesses ensaios que evocam, principalmente, Scherazade e Penélope, mestras astutas da arte de tecer, além das musas, de muitos deuses e figuras literárias. E, como escritora, Adélia Bezerra de Menezes revela-se também grande tecelã. Ora, escreveu Maurice Merleau-Ponty: “Como o tecelão, o escritor trabalha pelo avesso: lida apenas com a linguagem, e é assim que de repente se encontra rodeado de sentido”.¹ *Do poder da Palavra*, parece-me, é esse trabalho às avessas por meio do qual a palavra literária vai se revelando, pouco a pouco, aqui e ali, palavra psicanalítica, não no sentido metapsicológico, mas no sentido de palavra encarnada que “guarda uma inequívoca dimensão sensorial” (p. 56). Nesse sentido, não surpreende, logo na abertura do livro, o recurso da autora aos seus próprios sonhos para a elaboração de conceitos, ou o parêntese para a imagem filmica, aberto bem no meio do livro, quando conclui de

modo contundente: “somos todos Blade Runners: corremos ao fio de uma navalha” (p. 130). E, nesse momento, lembramos: “Penélope: a fidelidade por um fio. Scherazade: a vida por um fio. A falta de término, em ambas, é uma metáfora do infinito. Em ambos os casos, na tecelagem que praticam, é a fidelidade que está em questão” (p. 46). Ora, na escritura deste livro, não seria este o fio da navalha sobre o qual discorre a autora? A presença da subjetividade da autora, relativamente explícita em suas propostas de “leitura da alma”, é reveladora de um aspecto essencial do seu modo de trabalhar, de todo aquele que se interessa por um conhecimento simultaneamente psicanalítico e literário (seria este o fio da navalha sobre o qual discorre a autora?).

Com efeito, porque a compreensão psicanalítica de uma obra não pode ser comparada a uma psicanálise terapêutica, pois não pode situar as interpretações no campo da relação dual entre psicanalista e paciente, diante de um texto literário, o leitor só pode contar com as suas próprias associações.² Escapando do caminho sedutor oferecido pela Metapsicologia, que frequentemente leva o leitor, ingênuo, a um seguro, porém abstrato exercício intelectual, que confunde prática da psicanálise com psicanálise aplicada, inevitavelmente exteriorizante, a leitura que o leitor com formação concreta em psicanálise (e esse parece ser o caso de Adélia Bezerra de Menezes) irá fornecer é mais arriscada: a que pode e deve dar a si próprio dos efeitos da obra sobre sua própria subjetividade. “Por isso”, diz o psicanalista André Green, “importa que este exercício de auto-análise seja precedido de uma análise por um outro ou, se preferirem, de uma

1 Cf. MERLEAU-PONTY, *Signos*, São Paulo, Martins Fontes, 1991, p. 450.

2 P. RICOEUR, *Da interpretação: ensaio sobre Freud*, Rio de Janeiro, Imago, 1987, p. 142.

análise do Outro”.³ Se a prática psicanalítica com relação às manifestações literárias visa ao exame das relações entre uma obra e o inconsciente, segundo Green, “para desvelar os tesouros ocultos importa, primeiro, que o analista tenha feito *in vivo* o percurso que o colocará com aquilo que sua consciência ignora necessariamente para abrir-se ao âmbito do inconsciente, que é primeiro e antes de tudo seu inconsciente, condição essencial para falar do inconsciente dos outros, ainda que seja o dos textos literários”.⁴

Ora, a interpretação psicanalítica submete-se a princípios definidos: “ela não é psicanalítica”, como diz Renato Mezan, “porque emprega o vocabulário e os conceitos freudianos a fim de ilustrar pela enésima vez a fecundidade e a verdade das teses já conhecidas”.⁵ Proceder assim seria nada mais nada menos do que converter a obra psicanalisada num sintoma da teoria, o que é um absurdo. A interpretação é psicanalítica porque retoma o modo de pensar inventado por Freud. Trata-se de uma “maneira de pensar” que, segundo Mezan, define-se “pela percepção dos efeitos do inconsciente tanto no objeto a analisar quanto na atividade do analista, o que faz da interpretação não apenas reconstrução do sentido, mas sobretudo *construção dele*”.⁶ Uma interpretação só se poderá dizer psicanalítica se obedecer “ao princípio fundamental do método freudiano, que é o da interpretação do singular pelo singular nas condições definidas – porém não preenchidas *a priori* – pelos parâmetros reguladores da teoria.” Nesse

sentido, o instrumento de trabalho do analista “não é o ‘Vocabulário de Psicanálise’, mas seu próprio inconsciente” e, portanto, “é abusiva qualquer pretensão de ‘objetividade’ no sentido comumente admitido desse termo. A interpretação psicanalítica do que quer que seja implica o intérprete na sua formulação mesma...”.

Ou seja, a condição de que se tenha tido a experiência da psicanálise para praticar a psicanálise delimita a especificidade da interpretação psicanalítica. Trata-se de uma interpretação que não é exaustiva e que é posta à prova ao ser comunicada, pois nessa comunicação o analista “revela abertamente as falhas de sua leitura e os limites de sua auto-análise”.⁷ Nessa medida, comprometendo pessoalmente o intérprete, a prática psicanalítica sobre as obras não se pode fazer do exterior por aqueles que “só conhecem a Psicanálise através dos livros” ou, ainda segundo Green, por aqueles que procuram “aquisição rápida e eficaz do poder interpretativo do analista, poupando-se de atravessar as florestas negras ou os pântanos do inconsciente”.⁸ Ora, esse caráter da prática psicanalítica coloca a relação entre psicanálise e literatura fora dos limites de uma simples psicanálise aplicada, pois não se restringe a uma verificação do método ou dos conceitos da psicanálise.

Admitindo-se esses princípios fundamentais, compreende-se melhor o sentido da decodificação proposta por Adélia Bezerra de Meneses para o termo Leitura: “leitura (psicanalítica? literária?) – leitura desvendadora atenta à carga corporal, à carga

concreta, material, da expressão” (p. 34). Em outras palavras, leitura encarnada – o que não significa destituir o ato de ler da sua dimensão teórico-conceitual. Destacando as duas principais questões consideradas no livro – a questão da memória e a questão da palavra eficaz – a autora circunscreve entre a literatura e a psicanálise aquilo que faz o “aparelho psíquico”, se nos remetermos a Freud, ser constituído enquanto tal: memória e linguagem. E, nessa medida, não me parece por acaso que o livro de Adélia Bezerra de Meneses tenha por limites a palavra de Scherazade e o sonho de Penélope. Recordemos, com pouquíssimas palavras, o lugar da memória e da linguagem no tocante ao “aparelho psíquico”.

Como afirma Freud em *Lembranças encobridoras* (1899): a memória é uma construção articulada por um conflito de “forças psíquicas” que pode resultar numa recordação “cujo valor reside no fato de representar na memória impressões e pensamentos de uma data posterior cujo conteúdo está ligado a ela por elos simbólicos ou semelhantes”. Tal recordação “pode perfeitamente ser chamada de *lembraça encobridora*”.⁹ E, ao final do escrito, Freud radicaliza esse conceito, radicalidade que interroga a noção de tempo linear e progressivo, deixando sugerida e em aberto a questão de uma temporalidade propriamente estrutural. “Com efeito, pode-se questionar se temos mesmo alguma lembrança *proveniente* de nossa infância: as lembranças *relativas* à infância talvez sejam tudo o que possuímos. Nossas lembranças infantis nos mostram nossos primeiros anos

não como foram, mas tal como apareceram nos períodos posteriores em que as lembranças foram despertadas. Nesses períodos de despertar, as lembranças infantis não *emergiram* (...) elas foram *formadas* nessa época”.¹⁰ Como observa Pontalis, “nossa memória é uma ficção retroativa, retroativamente antecipatória, que pertence de pleno direito ao reino da Phantasie”.¹¹ E esse modo de formação é possível, porque o aparelho do qual a memória é uma das dimensões não é primordialmente psíquico, mas simbólico. É o que Derrida nos deixa concluir ao dizer que “o aparelho psíquico não é psíquico”. E mais, que “a temporalização supõe a possibilidade simbólica”.¹²

Ora, ao reexaminar as opiniões correntes em seu tempo, Freud constata, ao final de *A interpretação dos sonhos* (1900),¹³ que duas teses foram categoricamente negadas: 1) o sonho é um processo sem sentido; 2) o sonho é um processo somático. Nesse sentido, conclui que o sonho é um processo inteligível e um processo anímico que demanda interpretação. E por que demanda interpretação? Porque o sonho (como muitas outras expressões humanas) se inscreve numa região em que um *outro* sentido *ao mesmo tempo* se revela e se oculta num sentido imediato. Justamente chama-se *símbolo* essa “região do duplo sentido” e chama-se *interpretação* a “inteligência do duplo sentido”. Portanto, esclarece Paul Ricoeur¹⁴ que, ao dar o nome *Traumdeutung* à sua obra, Freud é preciso: ele não diz ciência, de modo geral, mas interpretação, de modo preciso. “O título por si só vincula indissolavelmente sonho

3 A. GREEN, “Literatura e psicanálise: a desligação”, in L. COSTA LIMA, *Teoria da literatura em suas fontes*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983, vol. 1, p. 215.

4 Idem, *ibidem*, p. 211.

5 R. MEZAN, *A vingança da esfinge*, São Paulo, Brasiliense, 1988, p. 72.

6 Idem, *ibidem*, p. 71.

7 GREEN, *op. cit.*, p. 215.

8 Idem, *ibidem*, p. 213-4.

9 S. FREUD, *Lembranças encobridoras*, 2. ed. Rio de Janeiro, Imago, 1987, vol. III, p. 209.

10 Idem, *ibidem*, p. 298.

11 Idem, *ibidem*, p. 304.

12 J. B. PONTALIS, *Perder de vista*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1991, p. 216.

13 J. DERRIDA, *A escritura e a diferença*, 2. ed. São Paulo, Perspectiva, 1995, p. 206 e 211.

14 FREUD, *A interpretação dos sonhos*, 2. ed. Rio de Janeiro, Imago, 1987, vols. IV e V.

15 RICOEUR, *op. cit.*, p. 83.

e interpretação”.¹⁶ Ou seja, o termo teria sido escolhido de propósito, pois sua proximidade com a temática do sonho é cheia de sentido. Quer dizer, se o sonho designa toda a região das expressões de duplo sentido, o problema da interpretação designa, reciprocamente, toda a inteligência do sentido especialmente ordenada às expressões equívocas. Se a interpretação é a inteligência do duplo sentido, é pela interpretação que o problema do símbolo se inscreve no problema da linguagem. E como o símbolo é sempre duplo, sempre enigmático, a relação entre símbolo e interpretação é intrínseca. Portanto, o sonho é de ordem simbólica e é por isso, e não por ser um fenômeno psíquico, que ele demanda uma interpretação.

Em suma, demandando dupla interpretação, a que dele faz o próprio sonhador e a que realiza, num segundo momento, aquele que escuta o relato do primeiro, o sonho possui uma raiz estrutural-simbólica que se abre à intersubjetividade e dá suporte para todas as demais formações inconscientes – esquecimento, sintoma, fantasma, alucinação, lapso, lenda, poema, etc. E, como observa Pontalis, “toda formação do inconsciente – sobre o modelo do sonho – só é interpretável porque já é uma interpretação. O fantasma inconsciente não pode ser reconstruído senão porque já é uma construção, um agenciamento do inconsciente”.¹⁷ Em outras palavras, como diz a epígrafe do livro

de Adélia Bezerra de Meneses, “não há símbolo sem um início de interpretação. Onde quer que um homem sonhe, profetize ou poetize, outro se ergue para interpretar. A interpretação pertence organicamente ao pensamento simbólico e ao seu duplo sentido”.¹⁸ Nesse sentido, fica mais claro o interesse de Freud pelo trabalho do sonho, isto é, pela série de transformações que se operam a partir das moções pulsionais e restos diurnos até o produto final: “o relato do sonho, o sonho narrado, posto em palavras”.¹⁹ Compreende-se tal interesse porque é essa vertente que a *Traumdeutung* inaugura: “não é uma obra de análise de sonhos, menos ainda o livro *do* sonho, mas uma obra que, pela mediação das leis do *logos* do sonho, descobre a mediação de todo o discurso e funda a Psicanálise”.²⁰ Ora, não seria essa descoberta aquilo que, segundo Adélia Bezerra de Meneses, aprofunda e alarga nossa compreensão dos fundamentos da própria literatura?

Do poder da Palavra não é estritamente uma obra de psicanálise, tampouco um conjunto de escritos literários. Para além das dicotomias, trata-se de uma obra que, interrogando a ambigüidade dos limites dessas duas vertentes, faz o leitor pensar consigo mesmo e avançar no campo infinito das elaborações simbólicas. Só por isso, merece ser lida e relida. E talvez seja este o seu mais próprio e verdadeiro poder.

A sedução das “confluências”

Boris Schnaiderman

Professor da Universidade de São Paulo

Cleusa Rios Pinheiro PASSOS, *Confluências: crítica literária e psicanálise*, São Paulo, Nova Alexandria/ Edusp, 1995.

O último livro de Cleusa Rios P. Passos confirma aquilo que já se tornou evidente em seus trabalhos anteriores: o surgimento de uma estudiosa segura de obras literárias, examinadas à luz das possíveis contribuições de uma abordagem psicanalítica. Tudo isso com finura e segurança, sem nenhum exclusivismo ou jargão técnico.

Seu livro anterior, dedicado aos contos de Julio Cortázar,¹ já surpreendia por essa postura ao mesmo tempo equilibrada e reveladora de uma paixão pelos textos: esta a impede de colocar em segundo plano o estético e literário.

Trabalhando com os dados que lhe advêm da leitura, e tendo sempre em vista as contribuições da psicanálise, Cleusa vai abordando seu objeto com minúcia e empenho, num *close-reading* matizado por um forte elemento de sedução. Não se detendo diante de hipóteses bastante ousadas, ela as vai expondo com uma técnica ligada ao lúdico, algo semelhante ao jogo de xadrez. Graças a isso, aparece em seus ensaios uma capacidade fora do comum de perceber os nexos existentes entre obras muito afastadas entre si no espaço e no tempo.

Neste sentido, torna-se muito rica a justaposição que efetua entre o conto “Feliz

16 J. B. PONTALIS, *Entre le rêve et la douleur*, Paris, Gallimard, 1977, p. 19.

17 Idem, *ibidem*, p. 138.

18 RICOEUR, *op. cit.*, p. 26.

19 PONTALIS, *Entre le rêve et la douleur*, *op. cit.*, p. 22.

20 Idem, *ibidem*, p. 23-4.

1 Cleusa Rios Pinheiro PASSOS, *O outro modo de mirar: uma leitura dos contos de Julio Cortázar*, São Paulo, Martins Fontes, 1986.